

## A VELHA CHICA

## OLD CHICA

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e20178

Marcelo Brandão Mattos<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto narra a história de Francisca, moradora de uma comunidade ribeirinha no interior do Brasil que, desde muito jovem, sobrevive do pescado, que era ofício do seu marido, também um lavrador. Na comunidade em que vive, cabe à mulher acompanhar o marido, o que Chica faz com empenho. Mas com a morte do marido, decide assumir ela própria o ofício da pesca.

**Palavras-chave:** narrativa; literatura brasileira contemporânea; patriarcado.

**Abstract:** The text tells the story of Francisca, a resident of a riverside community in the interior of Brazil who, from a young age, survives on fishing, a trade that was also her husband's profession. Besides he used to do a subsistence planting. In the community where she lives, it is the woman's responsibility to accompany her husband, which Chica does diligently. But with her husband's death, she decides to take over the fishing trade herself.

**Keywords:** narrative; contemporary Brazilian literature; patriarchy.

Era Francisca o nome dela. Mas danaram a chamar de Chica desde criança, e ela que não gostasse e era mais que o apelido pegava. E ficou, acostumou com Chica. Já nem lembrava mais a “Chica da Maria Chiquinha” que a incomodava na infância, e depois, mais velhinha um pouco, os risinhos de lado quando os garotos da rua a chamavam “Chica de chico”, que a mãe falou que era coisa das mulheres mais velhas que ela uma dia ia saber. As duas ideias já não remoíam mais, quando lhe vinha o chamamento. Chico, no masculino, ela sempre gostou. Era o homem cantor dos olhos verdes, era também o menino das revistinhas em quadrinhos, tudo lindo. Chica era feio, mas de feia era a vida também e tudo ficava como estava.

---

<sup>1</sup> Doutor e mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde atua na Graduação em Letras (nas áreas de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e de Literatura Portuguesa), na Especialização em Literatura Portuguesa e na Pós-Graduação stricto sensu em Letras - Estudos de Literatura. Autor dos livros teóricos: *Um banho de rio nos escritos e sobrescritos de Luandino Vieira* (EdUFF, 2012) e *A geração da distopia: Representações da angolanidade na prosa contemporânea de Luandino Vieira, Pepetela e João Melo* (EdUERJ, 2021). Colaborador do Grupo de Pesquisa Brasil, Cabo Verde: Literatura, Educação e História (CNPq). Autor dos romances *Bagunça* (Ed. Patuá, 2023) e *Testamento – O livro de ninguém* (Ed. Chiado, 2016). E-mail: marcelobmatt@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7400-1848>.

Chica cresceu e, já moça, casou com Severinho, o pescador. Assim o apresentaram, o homem da lavoura na beira do rio, que pescava pra distrair da solidão. Ela não prestou atenção naquilo, também não sabia que a história do peixe ia virar sina. E virou sina mesmo, porque Seu Menino – como a mãe dela o chamava – nunca parou de pescar, mesmo depois da companhia dela. Chica ficava pensando que se fosse peixe ia merecer mais atenção do moço, que virou esposo no sétimo dia do mês sete de um ano que acabava em sete: era de não esquecer.

Severino falava pouco, então não explicava por que tanto pescar, nem se a razão era mesmo a de deixar de se sentir só, ou se a presença de Chica na sua vida iria modificar o hábito da pescaria. Ele acordava cedo e ia, passava horas na beira do rio sozinho. Ou trabalhava cedo na lavoura e depois ia, até o sol se pôr. A solidão era dela, e Chica já não sabia mais como cumprir o juramento ao padre: juntos na saúde, na doença, na alegria e na tristeza.

Foi na mãe: pediu dois ovos, um cadinho de açúcar e um conselho. A matriarca, ao ouvir a história, balançou a cabeça e sentenciou: “Esposa acompanha marido, vai junto!” Chica então se aprontou nas ideias para depois se aprontar no dia. Levantou antes dele, fez café forte e bem quente e reservou na garrafa térmica e fez sanduiches que deixou embrulhados no papel alumínio. Pôs tudo numa frasqueira, lembrou dos piqueniques que fazia com a irmã na infância.

Naquele dia, então, quando Severino fez que ia fora, ela segurou nas mãos a frasqueira já no caminho ao lado dele. E ele deve de ter gostado, porque sorriu a companhia dela, andando até o rio. Levou duas cadeiras de armar, ao invés de uma, e um guarda-sol pra proteger a pele clara da esposa. Chica sentou na beira do rio, protegida do sol, com a comida também na sombra, para não estragar, e o café no sol, pra ajudar a esquentar. Severino pôs a isca no anzol, lançou longe a linha de pesca, fixou a varinha num suporte ao chão e sentou-se ao lado da esposa. Quando ela fez um “A” pra iniciar o primeiro assunto da conversa, ele sinalizou silêncio e apontou o rio: Pescaria não tem palavra.

No primeiro dia, Chica gastou o tempo no silêncio a olhar para o marido, seu ir e vir da pesca, o jogo de lançar a linha o mais longe no rio. Severino fez isso muitas vezes, com muitas trocas de isca, mas poucos peixes de volta. Ela fez a conta de saber se valia a pena tanta isca se não era para ter tanto de peixe. Pensava em dizer que talvez fosse melhor ir direto à peixaria. Pensava que algo podia estar errado naquela isca para aqueles peixes. Pensava que o lugar talvez não fosse o mais farto para a pescaria, ou talvez de tanto ali pescar Seu Menino acostumara os peixes a não mais se iludirem com a farsa da isca no anzol. Pensava em dizer, mas não dizia, também não podia, porque havia de espantar os poucos peixes que vinham.

A partir do segundo dia e no terceiro, no quarto e em tantos outros dias depois, Chica já ia preparada para gastar o tempo de não dizer nada. Tricotava meias que fazia e desfazia para não acabar tão depressa, como numa história que alguém lhe contou. Depois passou a fazer xale e casaco, que lhe exigiam mais tempo e tomavam às vezes mais de um dia. Tricotava, tricotava e pensava que podia não estar ali. Lembrava da novela na televisão, que começava mais cedo. Lembrava da irmã que lhe cobrava uma visita. Lembrava do vestido na loja, parecia caber direitinho no seu corpo, se bem que engordava um pouco a cada dia. Lembrava e não falava, pra não espantar os peixes, ou pra não atijar o agouro no casamento.

A vida de Chica, por muitos anos, ficou sendo da casa ao rio, ou melhor, dos afazeres de casa aos não-fazeres no rio. De tanto ir e vir da casa ao rio, com o tempo já não mais pensava se era bom ir, só ia. Arrumou novelo de lã e agulhas para passar o tempo tricotando, como fazia a sua avó. Lembrou de um dia em que, de tanto ver a mais velha a fiar, pediu: “Vó, me ensina?” e a avó começou a ensinar a lição da tecelagem. Chica aprendeu bem, mas achou de desaprender quando a avó partiu para não voltar, foi falar com Deus bem de pertinho (assim contou sua mãe) e por lá ficou. Agora, no fazer-nada junto ao rio, lembrou da avó, pegou agulhas e lãs esquecidas no armário e pôs na frasqueira com os sanduiches e o café.

Fiou e desfiou todo dia, e voltava mais cheia de artefatos de lã do que Severino de peixes. Todo dia era o mesmo dia, só com café novo e sanduiches que mudavam o recheio. O dia era igual ao dia do outro dia e só parou de ser quando faltou Severino. Faltou não na pesca, que isso ele não faria. Faltou na vida. Um dia, de tanto sol na lavoura, de pele tão castigada, ele tombou e, quando fez de levantar, a alma já não estava no corpo. Ficou ele rijo e gélido na plantação, ali mesmo enterrado para virar adubo. Era moço ainda, com quarenta e poucos anos. Mas Deus que sabe a hora de chamar e deixou Chica sem marido e sem assunto.

As visitas vieram no princípio à sua casa, a irmã ficou por uns dias, a mãe ofereceu de Francisca ir morar com ela, que um quarto estava vago, mas Chica fez que não. Sentia uma presença de si mesma, uma vontade de entrar para dentro. Só não sabia por onde. Ficou alguns dias no nada, sem falar nada, sem pensar nem nada, sem vontade para nada... Nem conversar com as parentas ela queria. Se a mãe e a irmã quisessem estar e estavam por ali, tudo bem, podiam ficar, mas no silêncio, o mesmo silêncio de Seu Menino, o silêncio que Chica aprendeu a admirar. Com o passar dos dias, diante de tanto não se poder falar na casa, as visitas se foram e Chica ficou com o silêncio do vazio das pessoas.

Ficou sozinha por uns dias, sozinha e bem acompanhada. Então, no décimo quarto dia, fez o que fazia, café na garrafa térmica, sanduiche no laminado, juntou equipamento de pesca

do marido, cadeira, guarda-sol e foi para a beira do rio. Fixou barraca e armou cadeira, mas não sentou. Era ela agora quem punha a isca. Ela ajeitava minuciosamente o bichinho disfarçado na curva do anzol. Ela é que lançava longe a linha com um movimento brusco na vara. Ela, que nunca pescou. Nunca! Nem segurou a vara por um segundo, que o marido não deixava. E estava ali, novata, pescando para ver se fazia certo... Opa!, a linha sacolejou forte, de modo que já sabia: era peixe! Era peixe grande! Ela puxou com força, lutou contra a fúria do bichano e viu que era imenso, nunca tinha visto um peixe tamanho! Severino haveria de ficar orgulhoso. E aquele era mesmo seu dia, porque de tanto jogar linhas rio adentro, pegou peixe e peixe e peixe... tanto peixe que ela nunca viu. Voltou carregada e nem sabia o que faria com tantos, pois não tinha congelador nem sal pra armazenar.

Foi então no vizinho mais próximo tentar vender barato, só pra ajudar nas despesas da casa. A dona Josefa disse “Quem pegou?” e Chica: “Eu”. Os olhos da vizinha arregalaram a inveja e a incompreensão. Chamou o esposo para ver a peixarada que a vizinha havia pescado ou pelo menos disse que pescou. O sujeito achou atravessada a história de uma mulher pescadora e quis saber “Onde foi que a senhora pegou?” Ela explicou o lugar da pescaria, ao que ele reconheceu: “Ali já não tem mais é nada há muitos anos...” Não tinha, mas teve, porque ela não inventara os peixes que trazia, nem foi Jesus que fez a multiplicação. Achou um desacato, mas não respondeu, porque assim aprendeu a ser moça. E, no mais, queria é vender! O homem comprou uns grandes, Chica guardou o dinheiro. Quando saía, ouviu o murmúrio do sujeito falando com a mulher: “Sorte de principiante”. E podia mesmo de ser, então era melhor vender logo o que conseguisse nas casas da aldeia. Foi e foi e foi pela rua com seus peixes, até ficar só com o que dava para sua refeição.

No outro dia, quando chegou na beira do rio, o lugar estava cheio. Os compradores de ontem vinham eles mesmos tentar a sorte na pescaria. Chica não se fez de abalada, armou sua tenda temporária, ajeitou-se no fazer da pescaria. E se ninguém pegava nada, na linha dela os peixes vinham uns atrás dos outros, no refazer da festa da véspera. Os outros pescadores, que já nem bem se podiam chamar assim, examinavam curiosos a fatura da mulher de Severino, que só podia mesmo de estar enfeitada. Os cochichos não a incomodavam e, soberana, ela já se altivava como a grande campeã de pesca da temporada. Ao fim, Chica ofereceu seus peixes ali mesmo e os vendeu mais caro, porque tinha o preço do fingimento de eles chegarem em casa com o cesto cheio.

A cena se repetiu dia após dia, a tal ponto que Chica já se considerava mesmo uma exímia pescadora. Na aldeia, seu nome passou a ser o tema principal das conversações de janela

para janela, de porta em porta. Mas não é que se dizia de ela ser boa de pesca, não... Se dizia “a bruxa”, “a do marido encostado”, “a que não quer compartilhar o segredo”, “a intrujona no fazer dos homens”. Ela dava de ombros e seguia seu caminho de pesca, com a barriga cheia de peixe e o bolso cheio do dinheiro dos que falavam dela.

Acontece que o boato do feitiço de espalhou a ponto de os vizinhos já evitarem contato com a mulher do rio. E se já ninguém se aproximava de Chica, como é que ela ia oferecer os peixes, entregá-los ao comprador e pegar o dinheiro na retribuição da compra-e-venda? Ela então teve a ideia de voltar a bater nas casas de porta e porta, mas não adiantava, porque podia ouvir os moradores se esquivando, fingindo silêncio, olhando por trás das cortinas ou na fresta da porta. Todo mundo fingia não estar para não ter que encontrar com a bruxa do rio.

Chica voltou a fazer seu ir e vir solitário. Por um lado era bom não ter confusão de gente tentando a pesca na beira do rio, ameaçando espantar os peixes que, como ela e o seu finado marido, eram apreciadores do silêncio. Mas lamentava não ter mais o “bom dia” e “boa tarde” dos vizinhos, quando passava no trajeto da casa ao rio, do rio à casa. Lamentava não ver sorrisos nas pessoas que cruzavam seu caminho. Lamentou até não poder mais ir à missa, pois a história dos peixes chegou ao padre Zé e ele a chamou para dizer que a fartura de peixes era um privilégio de Cristo e que querer se fazer passar por Cristo era um pecado mortal.

Passou a restringir sua vida ao percurso casa e rio, que ela conhecia tão bem. E pensou que o fazer solitário era já uma prática que ela mantinha com deleite. E lembrou que acompanhar-se de si facilitava o exercício do silêncio, uma exigência na arte da pescaria. E no fazer solitário e silente do rio, um dia lhe estalou uma ideia: Com o dinheiro acumulado, mandou fazer um barco que ia lhe permitir expandir a pesca. Imaginou o barco redondinho nos cantos, comprido como uma seta que aponta para a nascente do rio. E riu sozinha, deu gargalhada até, quando teve a ideia de batizá-lo de “Uma Ova”.

Com o barco, iria mais longe, poderia transpor os limites da terra que seguravam sua pesca. Nunca havia saído da aldeia, não sabia o que havia além-rio. E mergulhada nas águas ia se tornar a rainha-peixa, a grande pescadora não só da aldeia, mas do mundo. Pôs o barco no rio, de onde ele não mais sairia. Dentro, só ela, a garrafa térmica, os sanduíches laminados e o equipamento de pesca. Fez gesto de remagem, também uma novidade nas suas mãos, mas se era boa de vara, da mesma forma havia de ser de remo. E era. O barco se infiltrou pelas águas, foi rio-adentro, longe além da aldeia e do seu maldizer. Quem a viu sair, não a viu voltar. Nunca mais houve Chica nas margens do rio e nunca mais se pescou um só peixe por ali.

*Recebido em 25 de novembro de 2025*

*Aceito em 03 de junho de 2026*